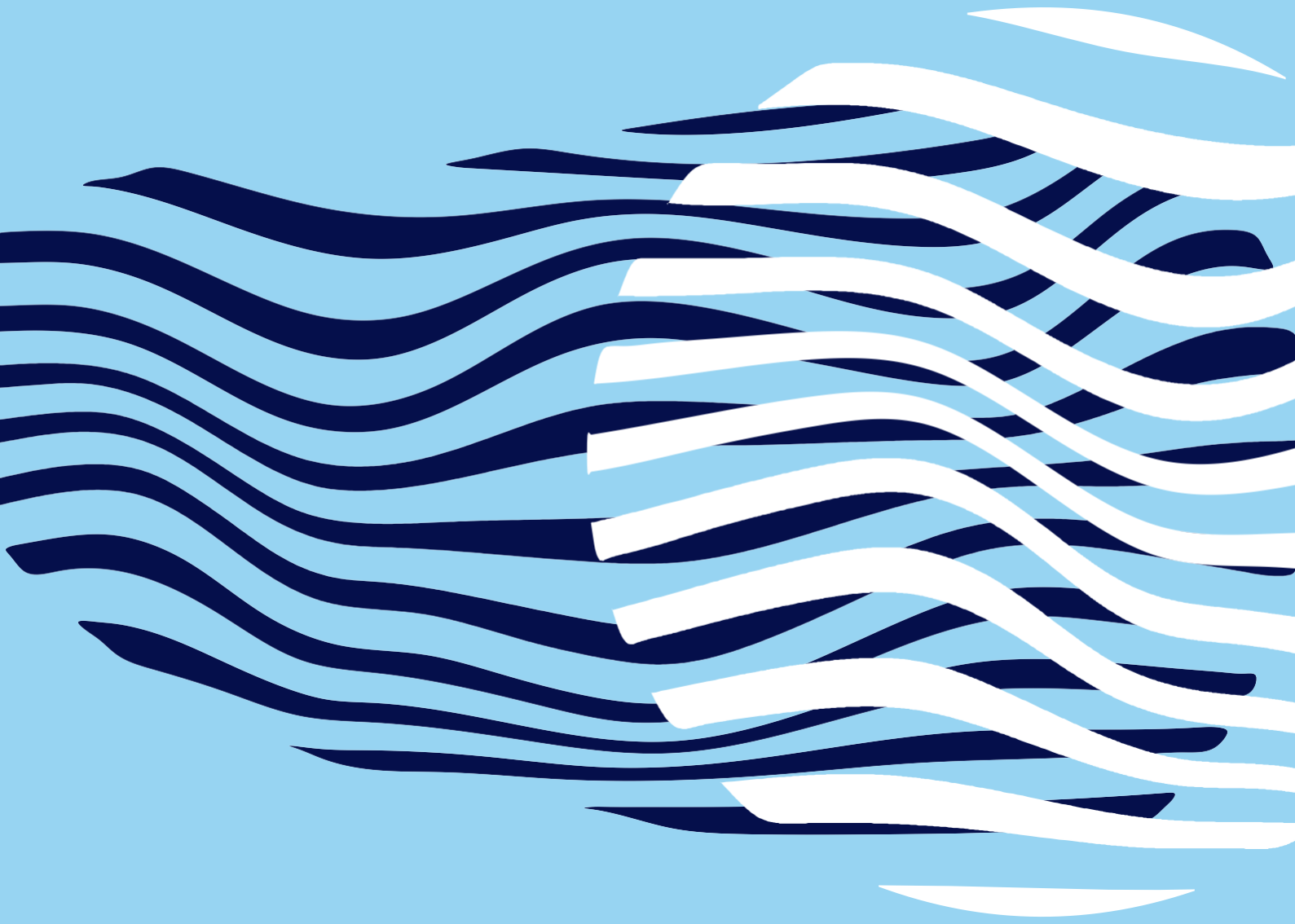
Annual Conference 2026



# Hope MANIFESTO

#HISTORYANDHOPEMANIFESTO

EuroClio

HOUSE OF EUROPEAN HISTORY

An initiative of the European Parliament

# Sobre este Manifesto

No âmbito da 32.ª Conferência Anual EuroClio de 2026, *History and Hope: Learning for Change* [*História e Esperança: Aprender para a Mudança*], a Casa da História Europeia e a EuroClio criaram espaços colaborativos para reflexão e intercâmbio em torno do tema deste ano. Iniciado pela Casa da História Europeia e com base nos muitos contributos recolhidos através do Muro da Esperança, num calendário visual iniciado pela EuroClio, bem como em seminários participativos e reflexões escritas ao longo da conferência, este processo coletivo deu origem ao **Manifesto da Esperança** final.

Este Manifesto reúne as reflexões, experiências e compromissos de cerca de **250 professores e educadores de História**, que contribuíram para o seu desenvolvimento através de um processo participativo estruturado durante a conferência.

**O Manifesto da Esperança** é **uma expressão coletiva da comunidade educativa da História** e um ponto de referência comum para um diálogo mais amplo. Enraizado na prática profissional e moldado pelo intercâmbio de ideias, dirige-se, em primeiro lugar, a educadores e estudantes de toda a Europa e não só, sendo simultaneamente partilhado com instituições e organizações envolvidas em questões de democracia, educação e coesão social.

Foi concebido como um texto coletivo e moderado por professores sobre o papel do ensino da História em tempos de incerteza. O seu objetivo é expressar, de forma concisa e acessível, a forma como os educadores compreendem o contributo do ensino da História para o pensamento crítico, a vida democrática e a pluralidade de perspetivas, bem como destacar o papel da esperança como orientação pedagógica significativa.

Diferentes atividades permitiram captar uma vasta gama de práticas, preocupações, aspirações e compromissos emergentes da comunidade presente na conferência.

Um comité editorial, composto por 10 professores e educadores voluntários, trabalhou no sentido de consolidar e estruturar estes contributos num texto final coerente. O seu papel consistia em garantir a clareza, a coerência editorial e a fidelidade ao processo coletivo do qual resultou o Manifesto.

# A equipa editorial




## Assinatura dos membros do Comité Editorial

Emer Shanahan

Juraj Varga

Wouter Smets

Kamila Ropero

Mirela Sakej

Sérgio Neto

G.Rósa Eyvindardóttir

Jordi Van den Hoven

Lejla Čaušević

Sinead Fitzsimons

# O Manifesto da Esperança

## Ensinamos histórias diferentes, mas enfrentamos desafios comuns

Em toda a Europa e não só, as nossas salas de aula são moldadas por memórias, conflitos, silêncios e contextos políticos diferentes. Existem muitas formas de ensinar o passado, viver o presente e ponderar o futuro. Todos os professores de História ensinam a partir de uma perspetiva localizada, moldada pelas suas origens. Isto é importante porque a História nunca é ensinada fora do seu contexto. Mas os desafios que enfrentamos são cada vez mais partilhados.

> *«A tensão que custa permanecer esperançoso em vez de receoso num mundo onde existe tanto sofrimento e injustiça, enquanto se aspira desesperadamente à mudança (e a fazer partedessa mudança).»*

Fora da sala de aula, o debate público é frequentemente polarizado, o individualismo pode enfraquecer o sentimento de comunidade e os valores democráticos já não podem ser considerados um dado adquirido. No entanto, a História também mostra que os direitos, as liberdades e as formas de solidariedade foram construídos ao longo do tempo e podem ser protegidos, reexaminados e renovados. Os estudantes crescem a navegar nas redes sociais, na desinformação e na inteligência artificial, onde a autoridade pode ser difícil de avaliar e onde demasiados conteúdos podem criar confusão, fadiga e desconfiança. O racismo sistémico, a desigualdade, o trauma intergeracional e as tensões sociais e guerras não resolvidas também moldam a forma como os jovens se relacionam com a História, com as instituições e entre si.

A História pode ser utilizada de forma incorreta e abusiva. Lutamos contra este fenómeno na sala de aula e enquanto comunidade de professores e educadores.

Na sala de aula, estas realidades surgem nas perguntas, emoções, dúvidas, resistência, silêncios ou desinteresse dos estudantes, mas também na sua curiosidade, sentido de justiça, conhecimento digital e desejo de compreender o mundo em que vivem. Os estudantes trazem narrativas de famílias, comunidades, meios de comunicação social e espaços em linha, bem como questões de património e identidade: o que se herda, o que se partilha, o que se contesta e o que cada geração decide continuar ou mudar. Estes momentos podem ser difíceis, mas constituem também oportunidades.

Estas emoções não podem nem devem estar à margem do ensino da História. Fazem parte da realidade em que a História se ensina.

# O que a esperança significa no ensino da História atualmente

**A esperança pode ter significados diferentes** em função dos contextos, das experiências e das línguas. Para os que ensinam a História, não pode continuar a ser uma palavra abstrata. Para nós, a esperança não é um otimismo ingénuo. Não se trata simplesmente da convicção de que as coisas vão melhorar.

**Fora da sala de aula, a esperança pode ser entendida como uma capacidade de preservar o nosso capital social, manter as nossas sociedades resilientes, superar dificuldades e resistir ao desespero** . Assenta em valores como a solidariedade, os direitos humanos, a equidade, a inclusividade e a responsabilidade. Transmite energia, motivação, impulso e um propósito. Ajuda as pessoas a procurar formas de agir, mesmo quando a mudança é lenta, incerta ou difícil.

**Dentro da sala de aula, a esperança torna-se uma prática. É um instrumento de mudança.**

Enquanto professores de História, **somos impelidos pela necessidade de criar confiança:** , confiança de que os estudantes possam enfrentar a complexidade e questionar as narrativas. Sem ela, não podemos explorar histórias difíceis, exprimir desacordo ou ajudar os estudantes a questionar narrativas sensíveis. Confiança não significa conforto ou consenso. Esta cria as condições necessárias para que os estudantes se sintam respeitados e reforcem a confiança nas suas próprias capacidades, agora e para o futuro. E mantenham o diálogo enquanto cidadãos mundiais ativos, a fim de contribuírem para uma sociedade aberta e confiante fora da sala de aula.

**A sala de aula de História** é **um espaço específico onde a esperança pode ser praticada, uma vez que o ensino da História já oferece a possibilidade da esperança**. Mostra que o mundo nem sempre foi como é hoje. Mostra que as sociedades mudaram, que as pessoas agiram, que as injustiças foram contestadas, que os direitos foram reivindicados, que as comunidades se reconstruíram e que as narrativas se alteraram.

É por esta razão que a esperança não é algo acrescentado do exterior ao ensino da História. Já pode ser encontrado no trabalho dos professores de História: na forma como ajudamos os estudantes a passar de aprendentes passivos a cidadãos ativos, reforçando as suas competências de pensamento crítico e incentivando os estudantes a passar da reflexão à ação.

*«Penso na esperança como um ato radical [...]. Penso na esperança ao mesmo tempo como uma decisão e como um compromisso, para simultaneamente a agarrar e a transmitir a outrem.»*

**Para os estudantes, a esperança deve ser um instrumento para compreender e agir.**

Ajuda-os a ligar o passado ao presente, a questionar o que parece fixo, a imaginar e a compreender que as coisas podem ser diferentes. Os estudantes não recebem apenas conhecimentos. Trazem perguntas, experiências, emoções, capacidades como conhecimentos digitais especializados e formas de ver o mundo. A esperança aumenta quando estes contributos são levados a sério e passam a fazer parte do processo de aprendizagem.

Para os professores de História, a esperança é, por conseguinte, simultaneamente uma responsabilidade e uma prática: uma forma de ensinar que apoie a compreensão, a ação, a comunidade, a participação democrática e a possibilidade de mudança.

# Onde a esperança ganha forma no ensino da História

**A esperança ganha forma no trabalho quotidiano do ensino da História**: nos temas que propomos, nos materiais que escolhemos, nas perguntas que fazemos, nas histórias que partilhamos, nos silêncios que investigamos e nos espaços que criamos para os estudantes pensarem, falarem e participarem.

**As fontes, os factos e as provas são fundamentais para este trabalho**. Fotografias, objetos, testemunhos orais, mapas, arquivos, nomes de ruas, exibições de museus, vestígios locais da História e documentos digitais ajudam os estudantes a abrandar e a observar mais atentamente. Aprendem a perguntar quem está a falar, o que é facto, o que é opinião, o que falta e o que pode ser questionado. Estas competências são importantes muito para além da sala de aula de História.

Algumas destas histórias são intergeracionais. Ligam os estudantes a crianças, adultos e idosos do passado e do presente. Relembram-nos que a História é também sobre aquilo que se transmite, aquilo que se herda, e aquilo que cada geração decide continuar ou mudar.

**A multiplicidade de perspetivas** é **fundamental para este trabalho**. Ao utilizar diferentes lentes, comparar narrativas e questionar perspetivas dominantes, nacionais, coloniais ou eurocêntricas, ajudamos os estudantes a compreender que a História não é uma história única. Procuramos vozes ausentes dos manuais escolares e perguntamos o que foi silenciado, ignorado ou tornado invisível. Isto não simplifica a História; torna-a mais honesta.

**A esperança também precisa de espaço para o desacordo.** Não exige consenso, mas exige confiança suficiente para realizar diálogos difíceis. Em debates, deliberações e conflitos saudáveis, os estudantes podem ouvir, argumentar, duvidar, comparar provas e encontrar diferentes interpretações, sem transformar o desacordo em hostilidade.

*«Sem atrito, não há visão. Por conseguinte, a esperança não significa evitar a tensão, mas confiar que o confronto pode conduzir a uma ligação [...] no sentido de imaginar coletivamente um futuro mais justo.»*

**A participação transforma esta aprendizagem em ação**. Quando os estudantes fazem as suas próprias perguntas, investigam, debatem, criam em conjunto, aderem a uma associação de estudantes, constroem um projeto, falam com outros ou ligam a sua sala de aula à sua comunidade, passam da escuta à participação. Começam a sentir-se não só como aprendentes da História, mas também como pessoas que podem fazer parte dela e podem agir em conformidade.

**As emoções são também uma parte inevitável deste trabalho**. A História pode evocar e provocar medo, ira, tristeza, resistência, empatia, desconforto e preocupação. Estas emoções podem bloquear a aprendizagem quando não são reconhecidas; no entanto, se forem reconhecidas e trabalhadas, são essenciais para o efeito. Não substituímos as provas por emoções. As emoções são uma parte inegável do pensamento crítico. Ajudamos os estudantes a compreender o que sentem, a passar por isso e a transitar da reação à reflexão.

**A imaginação abre espaço à esperança.** Através de dramatização, simulações, reflexão baseada nas artes, perguntas orientadas para o futuro e aprendizagem baseada em jogos, os estudantes podem sentir a complexidade em vez de se limitarem a ouvir falar da mesma. Podem tomar diferentes posições, enfrentar dilemas, testar decisões e ver que o presente não é fixo. A criatividade pode também oferecer outra forma de avaliar a aprendizagem. Estas práticas podem ligar o conhecimento à emoção e mostrar como compreendem, sentem e tiram sentido da História.

**Como professores, temos também a responsabilidade de continuar a aprender, de refletir ativamente e de permanecer curiosos**. Isto significa questionar a nossa pedagogia, as nossas emoções, os nossos preconceitos e os nossos estereótipos. Não podemos pedir aos estudantes que se empenhem no desconforto, na complexidade e em histórias difíceis se não tivermos iniciado esse trabalho nós próprios.

**A esperança também pode crescer para além da sala de aula**: em museus, arquivos, memoriais, monumentos, espaços públicos, natureza, património local, exposições, trabalho de campo e visitas. Os encontros com locais, artefactos e pessoas tornam a História tangível. Ajudam os estudantes a ligar e a questionar eventos, objetos, memórias e realidades atuais.

# A construção da esperança

*«A esperança não é um sentimento engenhoso, mas uma posição profissional que reconhece a complexidade do passado, reconhecendo simultaneamente a possibilidade de transformação inerente aos processos educativos.»*

Nem todos nós podemos fazer tudo isto da mesma forma. Os nossos contextos, programas curriculares, recursos e liberdades diferem. Algumas práticas já fazem parte das nossas salas de aula. Outras são aspirações. Algumas exigem mais tempo, apoio, coragem e comunidade.

Este encontro, enquanto comunidade de práticas em torno do tema da História e da esperança, é mais do que uma conferência. É um ato de pensamento colaborativo, um momento para tirar partido das nossas realidades comuns, aprender com as nossas diferenças e construir uma consciência comum do que o ensino da História pode tornar possível nos nossos dias.

Por detrás das portas da sala de aula, é fácil perder de vista o movimento mais vasto de que fazemos parte. Estes encontros oferecem um espaço aberto e honesto em que os educadores de toda a Europa e não só podem (re)ligar-se, partilhar práticas e recordar por que razão fazem o que fazem.

**Este Manifesto é a nossa orientação coletiva sobre a esperança como prática de ensino da História: um compromisso comum de fazer da sala de aula um local onde a esperança não só é debatida como reforçada.**

# Wall of HOPE

O Muro da Esperança é uma cronologia visual em que os participantes foram convidados a partilhar uma memória do passado ou um futuro esperançoso de um ponto de vista histórico pessoal à escala mundial. Cada entrada reflete um momento, incidente, realidade ou emoção associados à esperança. Esta instalação criativa e interativa inclui mais de 120 contributos dos participantes na 32.ª Conferência Anual EuroClio: História e Esperança.

O Muro ajuda-nos a ver como a esperança se mantém em momentos diversos, deslocando a sua tónica, ao longo do calendário, para corresponder às exigências da época. Mostra que cada época procura as suas próprias soluções, movimentos e coragem. A esperança não tem fronteiras. Uma experiência local, um protesto numa rua, a promulgação de uma lei são todas aceites, encontrando ressonância e encorajamento a nível mundial. A esperança serve de impulso a histórias pessoais, tornando-se uma faísca para um fogo coletivo.

*«As mulheres obtiveram o direito de voto na Finlândia.»*
*— 1906, europeu/mundial*

A esperança é uma forma de restabelecer a confiança, a solidariedade e a comunidade. Atua através do despertar democrático, da queda de regimes e da coragem da ação coletiva. A esperança reside na educação, na juventude, em todas as gerações que aprendem, questionam e ousam moldar o que se segue.

*«Todo o património roubado foi devolvido às comunidades de proveniência.»*
*— 2023, europeu/mundial*

Este empenho interativo prova que a História não é apenas uma sequência de datas, mas uma série de escolhas. Optamos por recordar a cadeia humana, os direitos, o progresso e a sala de aula. O Muro da Esperança simboliza a convicção de que o futuro pode prosperar, alimentado por experiências passadas, uma imaginação vívida e o desejo de transformar desilusões em crescimento.




Visite o Muro da Esperança em linha:
historywallofhope.eu

# Hope MANIFESTO




Visite o sítio Web

#HISTORYANDHOPEMANIFESTO

EuroClio

HOUSE OF EUROPEAN HISTORY

An initiative of the European Parliament